

A FORÇA MOTRIZ DO INDIVÍDUO: UMA COMPARAÇÃO ENTRE A CONCEPÇÃO DE ALMA EM PLATÃO E A PSIQUE EM FREUD.

AUTORES

Felipe Augusto Vicente PEREIRA
Bacharel em História pela Universidade de Brasília - UNB

Prof. Dr. Luis Lenin Vicente PEREIRA
Docente da União das Faculdades dos Grandes Lagos - UNILAGO

RESUMO

Desde que Platão marcou o pensamento ocidental com suas reflexões e formulações, muitos pensadores consagrados podem ser analisados a partir das semelhanças que possuem, acidentalmente, ou não, com o filósofo grego. A cerca disso, o presente artigo tem por objetivo esclarecer o paralelo que pode ser feito entre Sigmund Freud e o filósofo ateniense do século IV a.C. Esse paralelo será realizado levando em consideração a tripartição da alma presente nos diálogos, *Fedro*, *Timeu* e *d'A República*, pertencentes a Platão; e a conhecida divisão da psique humana de Sigmund Freud demonstrada em obras como *O mal estar na civilização* de 1930.

PALAVRAS - CHAVE

Platão, Freud, alma, tríade, psique.

1. INTRODUÇÃO

Estabelecer um paralelo entre Freud e Platão não é uma novidade dentro dos ensaios produzidos por estudiosos das áreas filosóficas e psicanalíticas. Isso se deve pelo fato do filósofo ateniense ter impactado o pensamento ocidental de tal maneira que quase tudo posterior a ele pode ser considerado “(...) notas de rodapé das páginas de Platão” (Alfred Whitehead apud Peter Kunzmann 1993, p. 39).

Frente a isso, o primeiro trabalho que reconhecidamente estabelece essa equidistância entre os pensadores é o *Freuds Libidotheorie verglichen mit Eroslehre Platons* de Max Nachmansohn publicado em 1915 (Araújo Júnior, 1999, p. 122). Sobre esse trabalho o pesquisador Anastácio Borges de Araújo Júnior esclarece que:

A partir de citações dos diálogos *Banquete* e *Fedro*, Nachmansohn tenta provar suas convicções declaradas de antemão, concluindo que ‘a teoria da sublimação de Freud já foi detalhada por Platão’ e que ‘a teoria da libido de Freud, objeto de tanta hostilidade, encontrou como precursor um grande pensador e moralista grego, que antecipou estas descobertas de tão alta importância’. (Araújo Júnior, 1999, p. 21)

Continuando a dissertar sobre o esclarecimento proposto por Araújo Júnior (1999), podemos destacar que além de Nachmansohn, Oskar Pfister também elucida que a concepção de libido freudiana, pode muito bem ser respaldada no conceito de divino presente em Platão. Ainda dentro desse escopo Thomas Gould, em sua obra *Platonic Love*, cita os autores anteriores e alega que a equidistância entre Sigmund e Platão pode ser esclarecida em alguns pontos. Entre esses pontos propostos por Gould podemos destacar que ambos os pensadores têm uma relação delicada com a poesia, valorizam a retórica (o diálogo), apresentam um grande autoconhecimento e capacidade de observação, e por fim, problematizam a questão da libido e do desejo.

Frente a essa breve história da bibliografia que trata da aproximação entre Freud e Platão, Gerasimos Santas defende que “as duas teorias não têm sido reconstruídas e comparadas de modo suficientemente sistemático e num nível significativo de detalhes” (Santas 1988 apud Araújo Júnior, 1999, p. 22), além disso, ele diz que “cada teoria deve primeiramente ser reconstruída em seus próprios termos e dentro da extensão de seu contexto teórico, e as principais comparações feitas mais tarde” (Santas 1988 apud Araújo Júnior, 1999, p. 22). Frente a essa crítica de Gerasimos, concordo com a tese de que Freud e Platão, apesar de terem várias semelhanças devem ser antes de tudo, compreendidos como sujeitos produtos de suas respectivas temporalidades.

Não podemos, portanto, despir os pensadores de suas culturas e de suas influências. Exercendo essa prática impediremos, por exemplo, que Freud se caracterize com um completo copador de Platão. Ao contrário, o seguimento desse artigo mostrará que apesar de todas as semelhanças e inspirações de Freud frente a Platão, ele ainda configura uma originalidade de grande importância. Tal originalidade demonstra como o pensador austríaco construiu seu pensamento e sua concepção frente ao seu tempo, evidentemente ele pode sim ter se inspirado no filósofo grego do século IV A.C, contudo, ele elabora novidades e dissidências de seu predecessor.

Para tecer nosso paralelo entre a concepção de alma de Platão e o estudo da psique, realizado por Freud, dividiremos esse texto em duas partes sendo, A divisão da alma em Platão, A divisão da psique em Freud e a batalha de Eros e Thanatus.

2. A DIVISÃO DA ALMA EM PLATÃO

2.1 Antes da tripartição

Antes de tratarmos propriamente da tripartição da alma temos que esclarecer que dentro do pensamento platônico o ser humano se constitui de duas partes: alma e corpo. Isso não configura uma novidade dentro do pensamento grego, pois, desde Homero a dualidade da existência do ser era tratada. Porém, mesmo aceitando a dualidade do ser, Platão, seguindo as propostas de Sócrates desenvolve a concepção acerca da alma. Com isso, o filósofo do quarto século antes de cristo promove a tese de que a alma é a busca incessante pelo intelecto, sendo, a partir disso o meio entre o mundo inteligível e o mundo sensível, a ponte entre o mundo das ideias e o mundo carnal (Trabattoni, 2010, p. 344).

Além de trabalhar com a questão da ponte para o mundo inteligível, Platão defende a imortalidade da alma. Talvez esse seja um dos pontos sobreviventes a quase todos os seus diálogos, desde *Apologia*, passando por *A República*, *Timeu*, *Fédon* e *Fedro* a imortalidade da alma permanece quase que intacta sendo que a diferenciação carrega-se à explicação de sua existência. Aceitando, portanto, a imortalidade da alma, Platão automaticamente defende a pericidade do corpo e, com isso, a maior importância da primeira sobre o segundo.

Dentro da concepção apresentada anteriormente podemos apreender que a alma constitui-se com um uno constituinte e movente do corpo material. Platão por vários diálogos, principalmente em *Górgias*, *Fédon*, e *Apologia*, resume sua explicação da alma como esse uno constituinte do corpo, marcando, assim, uma dualidade. Nessa toada o filósofo grego mostra como podemos cuidar da nossa alma, por meio da prática e do exercício da retórica, além de refletir sobre as práticas da justiça e da injustiça para essa essência humana. Como elucida Franco Trabattoni desse raciocínio:

(...) podemos extrair duas coisas: 1) o homem é essencialmente a sua alma, e 2) conseqüentemente, seus valores ético-espirituais, que dizem respeito à alma, são superiores aos materiais e corpóreos. O contexto dessas asserções parece adequado à imagem tradicional do Sócrates histórico, que aconselhava os homens a cuidarem de suas almas. Em suma, nos encontramos dentro de uma visão ético-pedagógica preocupada com a alma, naquilo em que o termo, modernamente, corresponde ao conceito de pessoa. (Trabattoni, 2010, p. 134)

O trecho destacado mostra que Platão, inicialmente, respeita as concepções promovidas por seu mestre. Ainda além, o pupilo de Sócrates fundamenta bases sólidas que passaram a sustentar as formulações promovidas pelo pensador do século cinco. Entre esses pilares sustentadores temos, por exemplo, a natureza da alma que Platão desenvolve principalmente em *Fédon*, onde afirma que: “a alma é o instrumento mediante o qual o homem pode compreender a realidade inteligível e imaterial” (Trabattoni, 2010, p 135). Arrematando seu pensamento Platão defende ser a natureza da alma “(...) muito mais semelhante à realidade perfeita à qual aspira assemelhar-se do que ao mundo em que se encontra temporariamente ligada (80a-b); com esse mundo a alma possui somente relações necessárias (...)” (Trabattoni, 2010, p 135).

2.2 A constituição e elucidação da tripartição

Apesar de, por várias obras, Platão manter a superficialidade de sua explicação referente à alma sua concepção sofre uma reviravolta. Com isso o pensador do século quarto, se desvencilha dos grilhões impostos pelo “intelectualismo socrático”, e passa a se preocupar mais com a alma deslocada do racionalismo humano. Platão utiliza, a partir de então, sua “lente de aumento” e promove explicações mais complexas referentes à alma. Dentro dessa nova perspectiva platônica nos é apresentada a “tripartição da alma”, fator trabalhado nos diálogos *Fedro*, *Timeu* e *A República*. Devido à impossibilidade de trabalhar o conceito de tripartição em todos os diálogos citados em um trabalho limitado como este, concentrarei meus esforços em passagens de *Fedro* somente.

Para Platão quando aumentamos nossos esforços investigativos acerca da natureza da alma podemos notar três comportamentos diferentes, ou seja, a alma ainda configura-se com um uno, mas quando relacionada ao homem ela opera sob três formatos. Pelo uso da metáfora carregada às palavras socráticas em *Fedro*, Platão esclarece esses três comportamentos:

A alma pode comparar-se a não sei que força activa e natural que unisse um carro a uma parilha de cavalos alados conduzidos por um cocheiro. Os cavalos dos deuses são de boa raça, mas os dos outros seres são mestiços. Quanto a nós, somos os cocheiros de uma atrelagem puxada por dois cavalos, sendo um belo e bom, de boa raça, e sendo o outro precisamente o contrário, de natureza oposta. De onde provém a dificuldade que há em conduzirmos o nosso próprio carro. (246b)

Não seria exagero afirmar, nesse momento, que o trecho acima transcrito configura a principal aproximação e distinção de Platão e Freud, desenvolverei esse ponto mais a frente, por hora satisfar-mos-ei com a análise restrita ao trecho. Segundo o filósofo do século quarto, nós, como “cocheiros”, somos o intermédio entre dois “cavalos alados distintos”. Destituindo o processo metafórico, isso significa dizer que dentro de nós opera duas vontades e duas vertentes que, ou partem para o bem, ou partem para o mal. Assim sendo, o mal é tudo aquilo que nos aproxima das vontades puramente carnais, e mundanas, prazeres sexuais, pecaminosos, instintivos, impulsos que nos ligam ao corpo físico, ao qual a alma tenta a todo custo se desvencilhar.

Em contra medida, o “cavalo bom e belo”, é aquele que nos guia ao mundo inteligível, ao qual a alma já teve contato alguma vez, mas que, devido ao processo de queda ao mundo físico, esqueceu-se desses contatos. Esse processo de queda é explicado por Platão no seguinte trecho de *Fedro*:

Segundo a lei de Adrastea, todas as almas que se integram no séquito de um deus são agraciadas com a contemplação de algumas verdades. Por outro lado, durante a viagem circular, mantêm-se isentas de pecado e, se conseguirem manter este estado, ao fim de cada viagem continuarão isentas de pecado como a princípio. Mas, se não conseguirem fortaleza para tanto, ser-lhes-á retirada a graça daquela visão. Com efeito, quando, por qualquer causa funesta, se animam de esquecimento e de perversão, tornando-se pesadas, perdem as asas e acabam por cair na terra. (248c-d)

Observando tal metáfora apresentada em *Fedro*, podemos então concluir que a tripartição da alma refere-se ao processo de completa ascensão ao mundo inteligível, o mundo das ideias, do conhecimento e dos deuses. O corpo configura-se como uma penitência da alma, aprisionando-a e influenciando nela desejos prejudiciais. Dentro dessa perspectiva, portanto, cabe a nós a prática de tudo aquilo que impeça a supremacia do “cavalo mal” sobre o “bom”, e o único modo de impedir esse fenômeno é a prática do conhecimento, do estudo, da reflexão, do controle

coercitivo, pois, a partir disso, faremos com que nossas almas relembrem seus tempos de “mundo das ideias” e se aproximem cada vez mais da inteligibilidade, dos deuses e da perfeição.

2.3 A questão do Eros em Platão

Dentro da concepção platônica acerca da tripartição da alma Eros configura-se como algo relativamente bom, ele não se refere ao prazer e desejo carnal e sexual, e sim ao desejo do belo, aquele que parte da alma e não do corpo. Em contraponto, Platão por meio de Sócrates “não nega que o amor seja uma forma de loucura; nega em vez disso, que a loucura seja sempre um mal” (Trabattoni, 2010, p 158). O filósofo grego ainda desenvolve o impacto benigno de Eros ao homem ao defender que: “(...) a beleza é a imagem humana que mais se aproxima da perfeição da ideia” (250c-e).

Acerca desse ponto Platão arremata que desejar quem lhe deseja é uma das melhores práticas que podemos exercer, desvaloriza, portanto, o desejo ao indivíduo que não retribui esse sentimento. A reciprocidade dos desejos amorosos dos envolvidos permite uma dupla evolução, tais indivíduos praticam a lembrança da alma mutuamente. Em inversão a esse fenômeno, se uma pessoa deseja outra que não retribui seu sentimento ela só estará imersa no ódio e na tristeza, fatores prejudiciais à sua alma, nesse cenário deixar a loucura marcante da paixão exercer sua função trará o bem para a alma.

3. A DIVISÃO DA PSIQUE EM FREUD E A BATALHA DE EROS E THANATUS

3.1 A divisão da psique em Freud

Segundo o psicanalista austríaco nós somos o Ego, o Eu. Dessa forma, o Ego configura-se como uma fachada para o id, uma espécie de entidade inconsciente e animalésca. Entretanto, o Id e o Ego, por si só, são fatores excludentes de uma vida sociável possível; desse modo, precisamos recorrer ao Superego, que estabelece os parâmetros para a formação de laços sociais, definindo; assim, nossos limites. Portanto, podemos dividir nosso pensamento em uma tríade constituída de Id, Ego e Superego, sendo que os dois últimos são os definidores do nosso comportamento perante os outros (Freud, 2010, p. 496).

Acerca da divisão da psique e da atuação do Ego sobre o Id Freud também formula uma metáfora muito semelhante à proposta por Platão em Fedro. Essa metáfora pode ser lida no seguinte trecho de O Ego e o Id:

Para o ego, a percepção desempenha o papel que no id cabe ao instinto. O ego representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, em contraste com o id, que contém as paixões. (...) A importância funcional do Ego se manifesta no fato de que, normalmente, o controle sobre as abordagens à motilidade compete a ele. Assim, em sua relação com o id, ele é como um cavaleiro que tem de manter controlada a força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com a sua própria força, enquanto o ego utiliza forças tomadas de empréstimo. A analogia pode ser levada um pouco além. Com frequência um cavaleiro, se não deseja ver-se separado do cavalo, é obrigado a conduzi-lo onde este quer ir; da mesma maneira, o ego tem hábito de transformar em ação a vontade do id, como se fosse sua própria. (Freud, 1923 apud Araújo Júnior, 1999, p. 76)

Como podemos apreender, Freud usa uma metáfora muito semelhante da produzida por Platão em Fedro. O principal ponto divergente é que Sigmund “assassina” o “cavalo bom e belo”, e enaltece o conflito entre “cavaleiro” e “cavalo rude”. Isso exemplifica todo o eixo do pensamento freudiano, em que visa entender o Id como instinto, e, a partir disso, permite ao Ego as ferramentas necessárias para o controle efetivo. Os objetivos, de Platão e Freud são os mesmos, ambos buscam controlar as pulsões instintivas presentes no corpo material, a diferença entre ambos é como abordam tais conceitos tão semelhantes. Isso não significa dizer que Freud foi um imitador de Platão, essa convergência de pensamentos tão originais permite-nos pensar que ambos produziram suas concepções por serem exímios observadores de si mesmos, e, além disso, os dois pensadores tiveram a coragem de olhar suas próprias lacunas e falhas para produzirem conceitos tão impressionantes.

3.2 A constituição do Id para Freud, a batalha de Eros e Thanatus

Uma das diferenças mais significativas entre a divisão da psique de Freud com relação à tripartição da alma de Platão pode ser presenciada quando o médico vienense desenvolve seu entendimento acerca do Id, “o cavalo feio” de Platão. Platão, até onde pude pesquisar, não se aprofunda no comportamento desse “cavalo de raça ruim”, ele só explica seu comportamento prejudicial à alma. Em contramedida Sigmund Freud, em *Totem e tabu*, como também em *O mal-estar na civilização* explana uma complexa explicação da constituição do Id. Esse desenvolvimento afasta-se importantemente de Platão, ao passo que Freud assume ser Eros um impulso carnal, e não tão belo como o filósofo grego postulou.

O Id, segundo Freud, se configura com nossas manifestações mais arcaicas e animais, governadas pelo amor e pelo ódio (Freud, 2010, p. 496). Freud, por ser um estudioso da mitologia grega, também denominava didaticamente esses instintos de Eros (deus do amor), e Tânatos (personificação da morte) (Idem, p. 496). Eros é o impulso sexual, a libido, o desejo de possuir o outro, satisfazendo, com isso, a necessidade de se reproduzir. Esse instinto primário ajudou a formar nossa cultura a partir do momento que desenvolvemos a compulsão ao trabalho (titulada por Freud de Ananke) (Matteo, 1999).

Assim sendo, o homem não constrói sociedades buscando o amor ao próximo; ao contrário, as comunidades são formadas pela necessidade de satisfazer o amor egoísta, e pela busca da riqueza causadora do trabalho compulsório. O instinto, Eros, dessa forma, caracteriza o egocentrismo humano, onde amamos aqueles que nos apresentam como objetos sexuais, os homens às mulheres, e as mulheres às suas crianças. Ainda dentro dessa perspectiva, o garoto, logo quando nasce, deseja incestuosamente sua mãe e sua irmã, negadas pelo tabu social. A partir desse fenômeno, ele se desprende do incesto e passa a desejar aquele ou aquela que se aproxime mais do amor infantil inconsciente (Freud, 2006, p. 277).

Perante a perspectiva elucidada no parágrafo anterior Freud, em sua obra, *mal-estar na civilização*, problematiza uma das máximas da civilização ocidental: “Ama teu próximo como a ti mesmo”. Segundo o psicanalista, não é da constituição da natureza humana esse amor ao próximo. Primeiro porque não sabemos quem é esse próximo, não temos identificação nenhuma com ele. Segundo que valorizamos tanto nossos pares, membros da nossa família, nossos amigos, conhecidos, nossas paixões, que atribuir nosso amor a qualquer pessoa ofenderia quem amamos de verdade. Por último, mas não menos importante, a nossa natureza tende mais a conferir ódio ao estranho, do que amor. Nesse último ponto Freud desenvolve a chave para o conflito e para a violência com a seguinte passagem:

O quê de realidade por trás disso, que as pessoas gostam de negar, é que o ser humano não é uma criatura branda, ávida de amor, que no máximo pode se defender, quando atacado, mas sim que ele deve incluir, entre seus dotes instintuais, também um forte quinhão de agressividade. Em consequência disso, para ele o próximo não constitui apenas um possível colaborador e objeto sexual, mas também uma tentação para satisfazer a tendência à agressão, para explorar seu trabalho sem recompensá-lo, para dele se utilizar sexualmente contra a sua vontade, para usurpar seu patrimônio, para humilhá-lo, para infligir-lhe dor, para torturá-lo e matá-lo. (Freud, 2010, p. 49).

O extrato acima mostra o papel do antagonista de Eros, Tânatos (Thanatus em latim). Ambos são instintos egoístas do nosso Id; entretanto, suas consequências são, significativamente, diferentes. Eros mesmo sendo um instinto de caráter egoísta promove a preservação da espécie. Por outro lado, Thanatus instaura a morte e a destruição. Essa tendência à agressão assombra toda e qualquer sociedade com a possibilidade de uma desintegração promovida por ações antropofágicas. Nosso desejo de preservar e afirmar o amor em nós mesmos promove e permite a destruição e a humilhação de indivíduos de nossa espécie. Talvez esse seja um dos pontos mais polêmicos propostos pelo psicanalista austríaco conferindo desconforto e negação a qualquer um que o leia

Apesar de gerar desconforto, a proposta de Freud, defendida também por outros intelectuais como Hobbes em o Leviatã, explica o porquê de termos tantos relatos de estupros, torturas e humilhações em cenários de guerra. Circunstâncias, como as apresentadas pelo “front de batalha”, permite que os combatentes liberem sua agressividade. Freud desenvolve esse ponto com o seguinte trecho:

Em circunstâncias favoráveis, quando forças psíquicas que normalmente a [referente à agressividade] inibem estão ausentes, ela [a agressividade] se expressa também de modo espontâneo, e revela o ser humano como uma besta selvagem que não poupa os de sua própria espécie. (Freud, 2010, p. 49).

O excerto anterior nos leva a apreender a importância do papel exercido pelo Superego. O Superego é, justamente, a “circunstância desfavorável” para a agressividade; é o conjunto de limites que nos impede de destruir nossa espécie, e a nós mesmos. Freud explica que o Superego, geralmente formado pela internalização das imposições sociais, exerce um papel repressivo frente o Id, e, sobretudo, frente à Thanatus. Com isso, uma nova agressividade apresenta-se, gerada pela batalha entre Superego e Id. Essa batalha masoquista gera prazer por parte do Id, e um sentimento de culpa por parte do Superego; e em meio a esses dois antagonistas constitui-se o Ego. Basicamente, estamos em constante conflito, ora manifestamos a animalidade, e ora manifestamos nosso sentimento de culpa, obstáculo à continuidade dos desejos destrutivos do nosso instinto, isso aproxima o Ego de Freud ao “cocheiro” de Platão.

Nossa sociedade, com o decorrer dos anos e das transformações, notou o caráter destrutivo do homem; isso gerou uma espécie de troca de valores. Hoje não priorizamos mais nosso prazer e nossa alegria, pois isso significaria o sacrifício de muitos pares. Em troca de nossa satisfação pessoal sedemos aos limites determinados pela sociedade, controlamos nossa violência por meio da coerção legal, que teoricamente, mantém a convivência em grupo.

4. CONCLUSÃO

Como podemos observar ao decorrer desse artigo Platão e Freud apresentam semelhanças e contrastes. Entre as semelhanças trabalhadas podemos citar a divisão da força motriz do indivíduo em três partes, além disso, ambos os pensadores trabalham a questão dos instintos e das vontades mais obscuras presentes em nossa gênese. A similaridade de ambas as construções teóricas sobre a psique humana pode ser consequência das exímias capacidades de ambos os pensadores em observar como operam seus pensamentos, suas vontades e suas lacunas.

Tanto Freud como Platão marcam suas eras por estarem dispostos a formular questões sobre os temas mais delicados de nossa sociedade ocidental. Não devemos, portanto, reduzir um a influencia do outro, de forma a descaracterizarmos as inovações propostas por ambos. Como o presente trabalho elucidava Platão operava consideravelmente sob os parâmetros de seu período, referenciando deuses olímpicos, evocando elementos, e relacionando espírito ao concreto. Freud, por outro lado, demonstra a influência que sofreu do Iluminismo, citando Hobbes, valorizando o cientificismo e metodologias acadêmicas. Isso comprova que por mais revolucionário seja o intelectual, ele ainda configura como um produto de seu tempo.

5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO JÚNIOR, A. B. (1999). Platão e Freud: duas metáforas da alma humana. 122 p. Dissertação (Mestrado em filosofia)- Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/filosofia/images/pdf/dissertacao-plato-e-freud.pdf>> Acesso em : 05 de Jul. 2016.

FREUD, Sigmund (2010). Freud (1930-1936): O mal-estar na civilização e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, p. 496. Disponível em: <<https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2013/10/freud-obras-completas-vol-18-1930-1936.pdf>> Acesso em: 30 de Jun. 2016.

FREUD, Sigmund (2006). Totem e tabu e outros trabalhos (1913-1914). V. 13. Coleção obras completas de Sigmund Freud. 277 p. Disponível em: http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/clubedeleituras/upload/e_livros/clle000164.pdf Acesso em: 30 de Jun. 2016.

GOULD, Thomas (1963). Platonic Love. London: Routledge & Kegan Paul, 215 p.

GOMES, Piranha (Tradução). (2000). Fedro ou da Beleza. Lisboa: Guimarães Editores, 137 p.

NACHMANSOHN, Max (1984). **La Libido chez Freud et L.Eros chez Platon**: une comparaison. Trad. Petra Menzel, Micheline Weinstein, Gilbert Bortzmeyer, Solange Faladé, Michèle Lohner-Weiss e Pr. Maurice Colleville. Paris, mimeografado, 42 p.

TRABATTONI, F. (2010). Platão. São Paulo, Annablume. Disponível em:< <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/livro/plat%C3%A3o>> Acesso em: 03 de Jul. 2016.